



VOZES DE MULHERES NO MECANISMO DE DOAÇÃO DEDICADO AO BRASIL

EVIDÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS



Agradecimentos

Este estudo de caso foi escrito por Deborah Pierce. Orientação e supervisão fornecidas por Meerim Shakirova, Ines Angulo, Patricia Kristjanson e Anne Kuriakose. Somos gratos a todos que compartilharam suas histórias e responderam às perguntas. Agradecimento especial às Quebradeiras de Coco Babaçu por nos convidarem para o encontro regional, e às Comunidades do Quilombo Pedra Preta e Organização Central Veredas.

Agradecimento especial ao Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, Renata Franco e Karina de Souza Marcelino pela assistência na coleta de dados. Agradecemos aos seguintes colegas por suas contribuições: Garo Batmanian, Luis Barquin, Johnson Cerda, Alberto Coelho Gomes Costa, Adam Grider, Kame Westerman e Daniella Ziller Arruda.

Informações de Contato

Para mais informações, favor entrar em contato com Meerim Shakirova (mshakirova@worldbank.org), ou Garo Batmanian (gbatmanian@worldbank.org).

© 2019 International Bank for Reconstruction and Development / The World Bank
1818 H Street NW, Washington DC 20433
Telephone: 202-473-1000; www.worldbank.org

VOZES DE MULHERES

NO

**MECANISMO DE
DOAÇÃO DEDICADO
BRASIL**

EVIDÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Acrônimos

CAA-NM	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas
CAR	Cadastro Ambiental Rural
CIF	Fundos de Investimentos Climáticos
CIFOR	Centro de Pesquisa Florestal Internacional
DGM	Mecanismo de Doação Dedicado a Povos Indígenas e Comunidades Locais
FIP	Programa de Investimento Florestal
GSC	Comitê Gestor Global
IPLC	Povos Indígenas e Comunidades Locais
IPTC	Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais
MIQCB	Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco de Babaçu
NEA	Agência Executora Nacional
NSC	Comitê Gestor Nacional
NTFP	Produtos Florestais Não Madeiros
REDD+	Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal
UN	Nações Unidas

Glossário

Babassu	(<i>Attalea speciosa</i>) Espécie de palmeira nativa da região nordeste do Brasil.
Baru	(<i>Dipteryx alata</i>) Noz nativa da região do Cerrado.
Buriti	(<i>Mauritia flexuosa</i>) Espécie de palmeira nativa da região do Cerrado.
Geraizeiros	Comunidades tradicionais do Cerrado que normalmente se dedicam à pecuária e agricultura.
Pequi	(<i>Caryocor Brasiliense</i>) Fruta nativa da região do Cerrado.
Quebradeira	Mulher envolvida na quebra de cocos de babaçu. Normalmente vive nos estados do nordeste brasileiro do Piauí, Tocantins, Maranhão e Bahia.
Quilombo	Uma comunidade que é descendente de comunidades de escravos fugitivos do período colonial do Brasil ou comunidades rurais de afrodescendentes que permaneceram em terras abandonadas por ex-proprietários de escravos.
Quilombolas	Atuais habitantes do Quilombo.
Ribeirinhos	Comunidades tradicionais do Cerrado que normalmente se dedicam à pesca e à agricultura.
Vazanteiros	Comunidades tradicionais do Cerrado que geralmente se instalam ao longo das margens dos rios.

Índice

Acrônimos	2
Glossário	2
Vozes de Mulheres no Mecanismo de Doação Dedicado Brasil	6
Contexto	9
Pessoas do Cerrado	11
TEMA 1. Gerenciamento e controle da tomada de decisão e compartilhamento de benefícios	16
TEMA 2. Habilidades, Capacidade e Conhecimento	17
TEMA 3. Papel dos Homens e Mudança nas Normas de Gênero	20
TEMA 4. Agência.	21
TEMA 5. Apoio Necessário e Desafios Enfrentados	23
Anexos	27
Referências	31





Vozes de Mulheres no Mecanismo de Doação Dedicado Brasil

Preparando o Cenário

O papel das mulheres nas florestas tem sido historicamente subvalorizado, mas recentemente tem sido foco de inúmeros estudos. Vários estudos recentes examinaram o gênero na Redução das Emissões por Desmatamento e Degradação Florestal (REDD+), direitos de posse de árvores e terras, cadeias de valor de recursos naturais, divisão de trabalho no gerenciamento de recursos naturais, participação das mulheres na tomada de decisões florestais, o uso feminino de produtos florestais não madeireiros, entre outros (Colfer et al., 2017; Colfer et al. 2016; Agarwal, 2001; Shackleton et al., 2011). Muitos estudos descobriram que quando as mulheres participam da tomada de decisões florestais, o desmatamento é reduzido e os resultados de bem-estar da comunidade são mais altos (UN-REDD, 2011; Elias, 2016).

Um estudo realizado pelo CIFOR destaca a importância de produzir análises a nível local sobre gênero em REDD + e outras iniciativas similares (Larson et al., 2018). O estudo identificou uma necessidade de participação das mulheres que seja significativa e empoderadora, e sugeriu que as mulheres deveriam estar totalmente engajadas nos processos de desenho, implementação e tomada de decisão. Estratégias explícitas para a tomada de decisões significativas e empoderadoras incluem o empoderamento das mulheres, maior controle sobre os ativos e a salvaguarda de seus direitos (Bee & Basnett, 2016; Larson et al., 2018).

Este estudo de caso contribui para o corpo de trabalho sobre gênero e silvicultura, fornecendo exemplos recentes e fundamentados das experiências das mulheres no Mecanismo de Doação Dedicado a Povos Indígenas e Comunidades Locais (DGM) (ver caixa 1). É particularmente relevante para os pontos de entrada de gênero definidos no plano de ação de

gênero (2016) dos Fundos de Investimentos Climáticos (CIF), que inclui o aumento do acesso das mulheres a ativos produtivos, particularmente serviços e desenvolvimento de negócio para melhorar as oportunidades econômicas para as mulheres (Fundos de Investimento Climático, 2016).

Este estudo de caso baseia-se na constatação de que “os projetos que envolvem mulheres e abordam questões de gênero desde a fase de concepção têm maior probabilidade de fornecer melhores resultados” (Marin e Kuriakose, 2017) por meio de entrevistas com mulheres envolvidas na concepção e implementação de seus próprios subprojetos de meios de subsistência. Todos os subprojetos incluídos neste estudo de caso (ver tabela 2) foram projetados principalmente para e por mulheres, o que contrasta com outros estudos sobre floresta e gênero (Larson et al., 2018; Agarwal, 2009). Reconhecendo a necessidade de mostrar as experiências tangíveis das mulheres no programa DGM, este estudo de caso tem como objetivo ilustrar alguns dos benefícios potenciais recebidos e mecanismos de compartilhamento de benefícios entre mulheres nos subprojetos do DGM no Brasil. Este estudo de caso contribui para a formulação de uma linha de base para o DGM no Brasil, em termos dos benefícios que essas mulheres estão recebendo, dos que solicitaram e de seus mecanismos de compartilhamento de benefícios.

O objetivo do DGM Brasil é “(i) fortalecer a participação dos povos indígenas, comunidades quilombolas e comunidades tradicionais do Bioma Cerrado, no FIP, REDD+ e outros programas similares orientados para o clima nas esferas locais, nacionais e global; e (ii) contribuir para aprimorar os modos de vida, os usos do solo e manejo sustentável dos recursos florestais em seus territórios”(Banco Mundial, 2015).

CAIXA 1. O MECANISMO DE DOAÇÃO DEDICADO: ANTECEDENTES E ESTRUTURA

O desenho de projeto do Mecanismo de Doação Dedicado a Povos Indígenas e Comunidades Locais (DGM) foi aprovado em 2011 pelo Subcomitê do Programa de Investimento Florestal (FIP) e é uma janela de financiamento independente dentro do FIP e, mais amplamente, dos Fundos de Investimentos Climáticos (CIF). O DGM é composto por dois componentes global e nacional, e visa fortalecer a capacidade das organizações dos Povos Indígenas e das Comunidades Locais (IPLC) e conceder doações aos IPLCs para desenvolver e apoiar suas próprias iniciativas (subprojetos ou microprojetos) e fortalecer sua participação no FIP e em outros processos de REDD+ a nível local, nacional e global (Programa de Investimentos Florestais, 2013).

Cada componente nacional inclui um Comitê Gestor Nacional (NSC) e uma Agência Executora Nacional (NEA). O NSC é o corpo governante do DGM e, portanto, responsável pela seleção e supervisão de subprojetos, entre outras atividades (ver Tabela 1 para lista completa) (Banco Mundial, 2015). A NEA é tipicamente uma organização não governamental que opera no país que tem experiência em trabalhar com IPLCs e tem capacidade de cumprir os requisitos fiduciários do Banco Mundial.

O DGM visa permitir a participação plena e eficaz dos IPLCs relacionados ao REDD+ a nível local, regional e global, com o entendimento de que as comunidades indígenas e locais são as guardiãs mais eficazes das florestas do mundo.

Metodologia

Este estudo de caso explora e destaca exemplos de experiências das mulheres com o DGM Brasil, com foco nos subprojetos liderados por mulheres e na assistência técnica que elas receberam. Os dados qualitativos foram coletados a partir de discussões semiestruturadas de grupos focais e entrevistas individuais (Figura 1, consulte o Anexo A para obter uma lista completa de entrevistas), com fontes secundárias de literatura e dados usados para contextualizar o estudo. Foram realizadas entrevistas com uma gama diversificada de beneficiários dos subprojetos para uma visão bem informada de como estes são gerenciados e como os benefícios são distribuídos entre os participantes de diferentes idades, raças, papéis e localizações geográficas.

Os entrevistados incluíram 26 beneficiários de cinco subprojetos diferentes, as três mulheres no Comitê Gestor Nacional (NSC) e quatro membros da Agência Executora Nacional (NEA). Cada visita foi acompanhada pelos membros da NEA

e escolhida pelo Líder da Equipe de Tarefas do DGM do Banco Mundial para representar subprojetos de comunidades tradicionais e quilombos, bem como subprojetos em diferentes estágios de implementação para obter uma visão holística das experiências das mulheres desde a concepção até a implementação. Três subprojetos estão avançados na implementação, enquanto os outros dois estavam em estágios anteriores ou não haviam começado (consulte a Tabela 2). Para mais informações sobre a metodologia da entrevista, consulte o Anexo B.

Seis mulheres representando três subprojetos foram entrevistadas na reunião regional do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), realizada em São Domingos do Araguaia, Pará, onde mais de 250 membros do MIQCB dos estados do Pará, Maranhão, Tocantins e Piauí se encontraram. O Quilombo Pedra Preta, próximo a Manga, Minas Gerais, foi visitado em seguida, onde 17 mulheres e quatro homens participaram de uma discussão de grupo focal.

FIGURA 1. ENTREVISTAS REALIZADAS

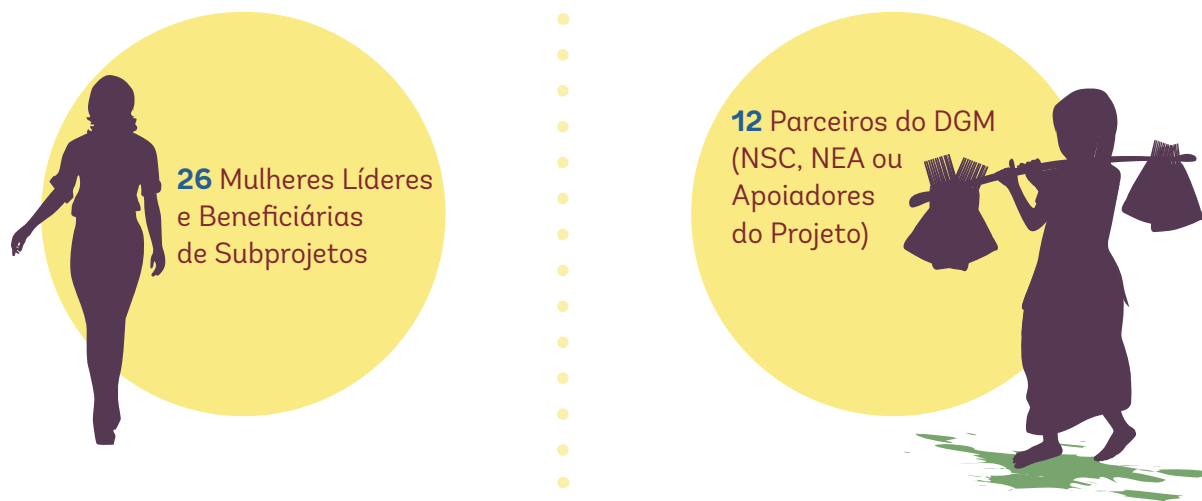


TABELA 1. SUBPROJETOS ENTREVISTADOS FINANCIADOS PELO DGM

Título do Subprojeto	Tema	Local	Objetivo	Líder do Subprojeto	quantidade de financiamento
Farinha de coco babaçu	Produtos orientados para o mercado	Bico do Papagaio (Tocantins)	Promover o fortalecimento da cadeia produtiva do babaçu.	Lužanira	\$28,776.60
Fortalecimento do grupo de trabalhadoras no processamento do coco babaçu	Gestão de Recursos Naturais	Morro deo Chapeu do Piauí (Piauí)	Instalar uma unidade de processamento de óleo de babaçu, aumentando a produção e melhorando a qualidade do produto.	Helena	\$37,412.34
Fortalecimento Institucional	Fortalecimento Institucional	Estados do Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí	Realizar reuniões regionais e a Oitava Reunião das Quebradeiras de Coco.	Rosario	\$23,983.50
Quilombo Pedra Preta	Produtos orientados para o mercado	Quilombo Pedra Preta, Puris, e Brejo São Caetano (Manga, Minas Gerais)	Construir uma cozinha para a produção e embalagem de doces tradicionais.	Marilia	\$28,780.18
Central Veredas	Produtos orientados para o Mercado	Arinos, Minas Gerais	Arinos, Minas Gerais Fortalecimento da produção tradicional da rede de artesanato de Uruçuia Grande Sertão	Maria N	\$28,724.27

FIGURA 2. ÁREAS DE INTERVENÇÃO DO DGM BRASIL



Quatro mulheres foram entrevistadas na cooperativa de tecelagem Central Veredas, em Arinos, Minas Gerais, concluindo as visitas locais. Todos os entrevistados foram auto-selecionados. Durante as entrevistas, observou-se que as mulheres geralmente eram mais receptivas com suas opiniões em pequenos grupos ou individualmente. Isso foi especialmente notável no Quilombo Pedra Preta, onde em uma hora de discussão e as vozes de algumas mulheres francas acabaram levando a maior parte da comunidade a se pronunciar.

Contexto

O DGM Brasil está localizado no bioma Cerrado (Figura 2), bioma considerado a savana tropical com maior biodiversidade do mundo. O Cerrado também é conhecido como a “caixa

As diretrizes da entrevista foram desenvolvidas para entender os potenciais benefícios recebidos e os mecanismos de compartilhamento destes entre as mulheres no DGM do Brasil. As mesmas perguntas-chave foram feitas a todos os entrevistados, embora eles tenham sido estruturadas para permitir que os entrevistados discutissem certos temas especialmente relevantes para si. Considerando que nem todos os subprojetos haviam iniciado a implementação, algumas das perguntas da entrevista não se aplicavam nesses casos (consulte o Anexo B para as diretrizes da entrevista).

d’água do Brasil” por seus aquíferos profundos e fonte das cabeceiras de três principais sistemas fluviais do país (Bailao et al., 2015). O Cerrado e as comunidades que lá vivem têm



historicamente menos reconhecimento internacional do que a Amazônia e o DGM, através do Plano de Investimentos do FIP Brasil, tentou remediar essa omissão. Sob o DGM, as diversas comunidades residentes no Cerrado — quilombos, povos indígenas e comunidades tradicionais — foram reunidas pela primeira vez. O DGM e o FIP ajudaram a elevar o Cerrado a uma maior visibilidade internacional como um importante ecossistema digno de proteção.

Pessoas do Cerrado

É importante entender a diversidade dos que habitam no Cerrado por gerações. Existem numerosos povos tradicionais, mas tipicamente eles se organizam em três categorias: povos indígenas, comunidades tradicionais e quilombos.

CAIXA 2. PLANTAS NATIVAS DO CERRADO

O Cerrado se tornou a fronteira agrícola do Brasil (Little, 2018), no entanto, muitas das espécies nativas do bioma não são valorizadas nos mercados agrícolas nacionais ou internacionais e tradicionalmente só foram usadas pelos IPLCs no Brasil para subsistência. Frutas endêmicas e nozes no Cerrado incluem baru e pequi (Guedes et al., 2017). A polpa das nozes baru pode ser usada como adoçante e as nozes podem ser consumidas cruas ou torradas (Flynn, 2018). A semente do pequi também pode ser consumida tostada e é semelhante a uma castanha de caju. Ambas têm propriedades antioxidantes e vários usos, incluindo consumo e cuidados com a pele e cabelos. Todos os subprojetos visitados utilizam plantas nativas do Cerrado para bens de consumo e produtos artesanais e estão em diferentes estágios de comercialização de seus produtos para venda.

CAIXA 3. MULHERES NO CERRADO

As mulheres têm desempenhado um papel importante na gestão dos ecossistemas do Cerrado há séculos e, mais do que os homens, dependem de produtos florestais não madeireiros (PFNMs) para sua subsistência. Por exemplo, Wunder et al (2014) descobriu que as mulheres coletam mais recursos florestais de propriedades comuns na América Latina do que os homens e Shanley et al (2011) identificou que as mulheres no Pará, Brasil, valorizam uma gama mais ampla de espécies e partes de plantas (como fruto, casca, folha, semente, etc.) do que os homens. As mulheres colhem frutas e nozes nativas para suas famílias e fazem artesanato com outras espécies locais para complementar a renda familiar.

PESSOAS DO CERRADO



COMUNIDADES INDÍGENAS

Os povos indígenas têm direitos garantidos à terra de 12% do território do Brasil, sendo que grande parte está localizada na Amazônia. No entanto, existem mais de 80 grupos indígenas em todo o Cerrado (CEA Consulting, 2016). A maioria desses grupos pratica caça e agricultura.



COMUNIDADES TRADICIONAIS

Essas comunidades são pequenos agricultores que cultivam o Cerrado tanto comunitária quanto individualmente há séculos. As comunidades tradicionais geralmente se distinguem por onde vivem ou pelo que fazem. Por exemplo, Vazanteiros e Ribeirinhos normalmente vivem em ambientes ribeirinhos, enquanto Geraizeiros são frequentemente criadores de gado nos estados de Minas Gerais e Bahia (CEA Consulting, 2016).



QUILOMBOS

No geral, estima-se que existam 16 milhões de moradores de quilombos, ou quilombolas, como são conhecidos, pertencentes a 2.926 comunidades no Brasil (Mendes, 2018). Muitas dessas comunidades estão em áreas rurais e isoladas, onde podem estar sujeitas a despejos forçados ilegais de proprietários de terras vizinhas (Landlinks, 2011).

CAIXA 4. ESTRUTURA E CONCEPÇÃO DO DGM BRASIL

O Brasil foi um dos primeiros países no Programa de Investimento Florestal (FIP) a implementar o Mecanismo de Doação Dedicado a Povos Indígenas e Comunidades Locais (DGM) em 2015. Há nove membros votantes do Comitê Gestor Nacional (NSC), dos quais três são mulheres, e nove suplentes, dos quais três também são mulheres. Como alternativa, a Agência Executora Nacional (NEA) é responsável pela implementação e assistência técnica do subprojeto, monitorando e avaliando os subprojetos, com obrigações de relato ao Banco Mundial (consulte a Tabela 1 para a lista completa de responsabilidades).

O NSC determina coletivamente as prioridades dos subprojetos e esclarece os critérios de seleção (ver Figura 3 para a lista completa de critérios). O NSC é composto por 8 a 13 povos tradicionais do Cerrado, escolhidos como representantes de suas comunidades. As três mulheres do NSC representam cada um desses tipos de comunidades e, portanto, ajudam a garantir que cada comunidade tradicional tenha representação no NSC.

O Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas (CAA-NM) foi selecionado por meio de um processo competitivo como a NEA (Agência Executora Nacional) do DGM Brasil. A NEA tem trabalhado com comunidades nativas e pequenos agricultores que vivem no Cerrado há quase 30 anos. A NEA facilitou duas chamadas para propostas de subprojetos, resultando em 41 subprojetos escolhidos na primeira chamada de 158 manifestações de interesse e 19 subprojetos escolhidos entre 106 manifestações de interesse na segunda chamada (DGM Brasil, 2017).

TABELA 2. RESPONSABILIDADES DA AGÊNCIA EXECUTORA NACIONAL E DO COMITÊ GESTOR NACIONAL

Agência Executora Nacional	Comitê Gestor Nacional
Assistência Técnica	Decide direção e prioridades dos subprojetos
Monitoramento e Avaliação	Participar dos Processos do REDD+ e FIP a nível nacional
Prestação de Contas ao Banco Mundial	Seleciona a NEA com ajuda do Banco Mundial
Apoio à Implementação do Subprojeto	Escolhe Critérios de Seleção dos Subprojetos e projetos
	Supervisiona a Implementação de Subprojetos

Políticas Fundiárias e de Gênero no Brasil

O Brasil possui 11 órgãos institucionais a nível nacional que compartilham a responsabilidade por diferentes aspectos dos direitos e gestão da terra (Damasceno et al., 2017). O novo código florestal, aprovado em 2012, requer o uso do Cadastro Ambiental Rural (CAR), que ajuda a coletar informações sobre florestas remanescentes em terras privadas

(Little, 2018). O código florestal também exige que os proprietários rurais preservem de 20% a 80% da floresta remanescente em suas terras e designa Áreas de Preservação Permanente, áreas designadas para proteção para manter seu valor ecológico (Damasceno et al., 2017).

A constituição de 1988 concede a homens e mulheres direitos iguais em todos os aspectos legais (Brasil, 1988), e outras

FIGURA 3. CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE SUBPROJETOS (DGM BRASIL, 2017)



SUBPROJETOS DEVEM SER...

- ... **Participativo. O papel das mulheres, jovens e idosos será considerado.**
- ... **social e ambientalmente sustentáveis**
- ... **ter um efeito multiplicador**
- ... **ser tecnicamente coerente**

grandes conquistas nas últimas décadas incluem o estabelecimento da Secretaria de Políticas para as Mulheres, que integra a igualdade de gênero através dos Planos Nacionais de Políticas para Mulheres. Além disso, cada estado no Brasil possui uma instituição governamental dedicada à integração da igualdade de gênero (Banco Mundial, 2016). O Brasil possui titulação conjunta de terras, que permite que homens e mulheres sejam listados em uma escritura de terras e ajuda a equilibrar a tomada de decisão sobre o uso da terra (Banco Mundial, 2018a). O Brasil adotou uma abordagem sensível ao gênero em sua Estratégia e Plano de Ação Nacional para a Biodiversidade e integrou os compromissos de gênero assumidos pela Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica em seu Plano de Gênero (IUCN, 2017). No entanto, as mulheres indígenas e afro-brasileiras continuam enfrentando inúmeras desvantagens. Por exemplo, a violência contra mulheres afro-brasileiras e indígenas aumentou mais de 100% na última década nas regiões norte e nordeste do Brasil (Banco Mundial, 2017).

Gênero no DGM Brasil

Os critérios de seleção de subprojetos do DGM enfatizaram que os subprojetos devem envolver as mulheres na elaboração da proposta e incluí-las como co-implementadoras (Douthwaite et al., 2019). O objetivo final do DGM Brasil é

que 30% dos beneficiários sejam mulheres e o progresso mostrou que essa meta já foi superada (veja a Figura 5) (Banco Mundial, 2018b). No geral, existem 11.041 mulheres que se beneficiam do DGM no Brasil e 1.344 mulheres envolvidas em subprojetos liderados por mulheres (correspondência direta, setembro de 2019). Antes da primeira chamada para propostas de subprojetos, a NEA organizava oficinas para alcançar as comunidades-alvo e incentivá-las a enviar propostas para subprojetos, mas, para a segunda chamada de propostas, a forte rede da NEA contava com as comunidades-alvo. Uma porcentagem maior dos projetos selecionados no segundo turno foi liderada por mulheres, com cinco dos 19 subprojetos selecionados, em comparação com oito de um total de 45. Depois que os subprojetos foram escolhidos, ocorreu uma visita inicial ao local, onde uma análise sensível ao gênero foi feita para fornecer uma linha de base antes do início das atividades do projeto. Além disso, programas especiais de capacitação para mulheres foram desenvolvidos. Esses programas ocorrerão em três fases, com cinco dias em cada fase. Mais recentemente, 56 mulheres participaram da primeira fase deste treinamento.

As mulheres identificaram vários tipos de benefícios não monetários que consideravam direta ou indiretamente fornecidos pelo DGM. Cada benefício listado não é mutuamente



Coco Babaçu

exclusivo, e a lista visa capturar os benefícios não monetários percebidos pelas mulheres entrevistadas. Esses benefícios não monetários incluem:

- ▶ Capacitação
- ▶ Treinamento técnico e de liderança
- ▶ Melhor coordenação
- ▶ Equipamento
- ▶ Empoderamento
- ▶ Validação

Histórico das Visitas de Estudo de Caso

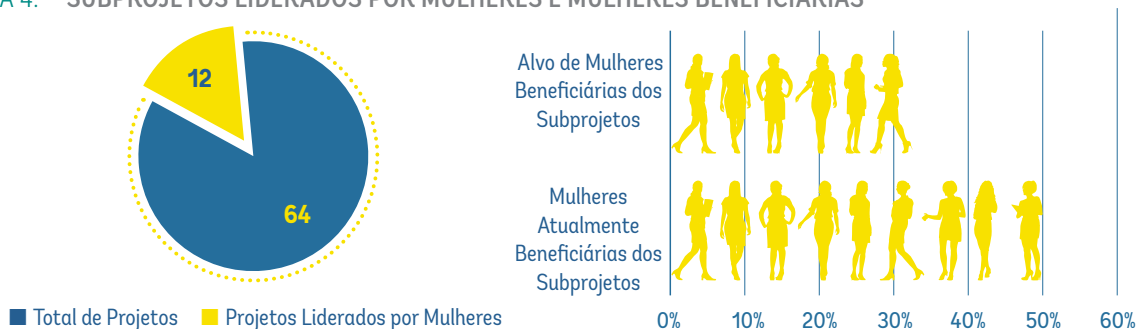
Todos os cinco subprojetos representados neste estudo de caso fazem parte de três organizações de mulheres: as Quebradeiras de Coco Babaçu, a Associação de Mulheres Quilombo Pedra Preta e a Central Veredas. Os benefícios recebidos e os mecanismos de compartilhamento de benefícios são semelhantes dentro de cada grupo e entre os subprojetos no caso das Quebradeiras de Coco Babaçu, e, portanto, as diferenças serão observadas nas organizações e não nos subprojetos.

Quebradeiras de Coco Babaçu

Vários subprojetos do DGM apoiam o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que exige o acesso aberto e o uso comunitário de palmeiras de babaçu iniciado por um pequeno grupo de mulheres em 1991. O termo Quebradeiras refere-se às mulheres que coletam e quebram cocos de babaçu, uma espécie de palmeira nativa da região de Matopiba no Brasil (estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia), localizada na região nordeste do Cerrado. Quebradeiras podem viver em quilombos ou fazer parte de outra comunidade tradicional do Cerrado. As mulheres do MIQCB buscaram financiamento do DGM para cada um dos subprojetos que as estão apoiando.

Durante a reunião regional do MIQCB, foram realizadas entrevistas com líderes de três dos subprojetos do DGM e

FIGURA 4. SUBPROJETOS LIDERADOS POR MULHERES E MULHERES BENEFICIÁRIAS



quatro outros subprojetos beneficiários (Tabela 2). Todos os três subprojetos representados foram da primeira chamada de propostas de subprojetos do DGM, concluída em setembro de 2016, quando a primeira chamada de subprojetos foi escolhida. As mulheres entrevistadas incluíram a presidente do MIQCB e a coordenadora geral, encarregada de arrecadar fundos para o movimento e a cooperativa.

Em 1991, as Quebradeiras vendiam apenas a castanha do coco babaçu, enquanto outros produtos do babaçu, como sabão, óleo e farinha, eram feitos apenas para uso pessoal de suas famílias. O movimento cresceu com o tempo e, em 2009, as mulheres formaram uma cooperativa que agora vende esses produtos em todo o Cerrado e para empresas internacionais de cosméticos.

De acordo com Maria T, uma das mulheres membros do NSC e fundadoras do movimento, havia duas motivações para iniciar o movimento: 1. Aumentar a autonomia das mulheres e 2. Proteger a palmeira de babaçu, diversificando e aumentando a demanda pelos produtos. O MIQCB conseguiu estabelecer uma “lei do babaçu grátis” em sete estados onde o babaçu é comum, o que permite que as comunidades sem terra coletem legalmente o coco babaçu (se não nós, então quem, 2013). A região de Matopiba é a nova fronteira agrícola no Brasil, e as florestas de babaçu estão sendo desmatadas para criação de gado, cultivo de eucalipto, soja, dendê e outras culturas (The Guardian, 2015). Estima-se que mais de 100.00 famílias dependam dos cocos de babaçu para sua subsistência (The Guardian, 2015).

Central Veredas

O Central Veredas é um subprojeto da segunda chamada do DGM que iniciou as atividades de preparação em novembro de 2018. Mulheres de Arinos, no noroeste de Minas Gerais, e áreas adjacentes se uniram para formar o Central Veredas, uma cooperativa de tecelagem que produz roupas de cama,

cobertores, e bordados com corantes naturais das plantas do Cerrado, além de caixas feitas com as folhas da palmeira buriti. A entrevista em grupo envolveu quatro mulheres, duas das quais são tecelãs da Central Veredas. As mulheres da Central Veredas foram incentivadas a se inscrever pela Copabase, cooperativa agrícola local.

A loja Central Veredas foi inaugurada em 2011, com 220 tecelãs contribuindo em nove grupos cooperativos diferentes. Muitas das tecelãs envolvidas na Central Veredas também são apicultoras e produzem mel, geleias, óleo de pequi, farinha de mandioca, misturas de especiarias, nozes de baru assadas e pólen de abelha desidratado. A Central Veredas também é apoiada por uma cooperativa local, a Copabase, que a ajuda a com suporte técnico e jurídico.

Quilombo Pedra Preta

O DGM está apoiando um subprojeto da segunda chamada de propostas, localizado no Quilombo Pedra Preta, próximo a Manga, Minas Gerais. A entrevista em grupo foi realizada no centro comunitário do Quilombo Pedra Preta, com a participação de 17 mulheres e quatro homens. Três comunidades estão envolvidas, incluindo Pedra Preta, Puris e Brejo São Caetano, mas a cozinha será construída no Quilombo Pedra Preta. Cassilia, uma assistente social da cidade vizinha de Manga, encontrou a chamada de propostas on-line e incentivou a comunidade a se inscrever. Os membros da comunidade declararam que nunca receberam apoio financeiro multilateral e o DGM será a primeira exposição da comunidade a esse tipo de programa.

Como parte do subprojeto do DGM em Quilombo Pedra Preta, a comunidade planeja construir uma cozinha para fazer bolos, pães e compotas com frutas nativas do Cerrado que crescem em suas terras tradicionais. A cozinha terá o equipamento para assar, embalar e etiquetar os produtos. As receitas são passadas por gerações, mas as mulheres esperam

capacitação sobre como preservar as frutas e como produzir e embalar seus produtos para venda comercial. Eles planejam vender seus produtos nas cidades próximas, a até 60 quilômetros de distância. Eles esperam poder, um dia, vender seus produtos como certificados no comércio justo.

Vozes das Mulheres

Os resultados das entrevistas estão organizados em cinco temas. Uma síntese das respostas mostrou esses cinco

temas consistentes em todos os entrevistados, que são: 1. Gerenciamento e controle da tomada de decisão e compartilhamento de benefícios, 2. Habilidades, capacidade e conhecimento, 3. Papel dos homens e mudança nas normas de gênero, 4. Agência e 5. Apoio necessário e desafios enfrentados. Observou-se que esses temas eram importantes e relevantes em todos os subprojetos representados..

TEMA 1. Gerenciamento e controle da tomada de decisão e compartilhamento de benefícios

As mulheres são as únicas tomadoras de decisão nas atividades de subprojeto e no uso de fundos, embora o processo de tomada de decisão varie em cada organização. As decisões em cada subprojeto são tomadas coletivamente e, dependendo do tamanho da organização, pode haver um pequeno

grupo de mulheres responsáveis por tomar as decisões finais. Tradicionalmente, nem todas as organizações de mulheres recebem renda, e cada uma delas formou-se em resposta a uma necessidade: seja para coordenar o crescente número



Maria T (esquerda) e Andlía e Lucy (direita).



de mulheres participantes ou para gerenciar novos recursos financeiros.

Quebradeiras de Coco Babaçu

As Quebradeiras de Coco Babaçu estão em operação há mais tempo que os outros dois grupos e são o maior dos três. As Quebradeiras são as únicas tomadoras de decisão nos subprojetos que lideram e controlam cada etapa da cadeia de suprimentos de produtos de coco babaçu. Existem mais de 250 mulheres membros do MIQCB, todas elas beneficiárias de pelo menos um subprojeto. As Quebradeiras alternam posições de liderança a cada três anos em suas reuniões regionais, com base em um processo eleitoral democrático. Os cargos de liderança incluem seis gerentes regionais e 10 funções de coordenação.

Central Veredas

Há cerca de 200 mulheres envolvidas na cooperativa Central Veredas, pertencentes a uma das nove comunidades, cada uma representada por uma presidente e três representantes que tomam decisões sobre preços de produtos e distribuição de lucros.

Quilombo Pedra Preta

O Quilombo Pedra Preta possui um corpo de liderança que desempenha o papel de coordenação entre os três quilombos que compõem a associação comunitária. Anteriormente, eles tinham uma associação de mulheres de 2007 a 2014 para promover as atividades das mulheres, mas a comunidade foi considerada menos favorável na época. A associação de mulheres foi revivida recentemente depois que as mulheres viram o chamado do DGM para propostas de subprojetos.



TEMA 2. Habilidades, Capacidade e Conhecimento

Somente os três subprojetos das Quebradeiras de Coco Babaçu receberam fundos do DGM até fevereiro de 2019 e começaram as atividades de implementação. A Central Veredas e o Quilombo Pedra Preta ainda estão no processo de recebimento de fundos do DGM, mas receberam capacitação inicial, com a ajuda da NEA. As mulheres são responsáveis pelo gerenciamento de todas as receitas e receberam treinamento para isso, após solicitação feita à NEA. **As mulheres entrevistadas consideraram as novas habilidades um benefício não monetário e uma necessidade para a implementação de subprojetos.**

Cada subprojeto beneficiou-se ou espera se beneficiar da compra de equipamentos ou práticas eficientes que levarão a um aumento da produção de bens e à redução de tempo e esforço. É necessário treinamento específico, como manuseio

“O DGM nos permitiu produzir no nível de padrões comerciais, o que significa que agora podemos vender nas lojas. Nossos lucros aumentaram mais de 100% desde que fizemos essa alteração”

—Flavia, Assessora Comercial do MIQCB



Francisca

e embalagem, enquanto outros subprojetos precisam de treinamento em vendas.

Quebradeiras de Coco Babaçu

As mulheres do MIQCB estão no controle de todas as suas fontes de financiamento. Todas as entrevistadas disseram que não pensam ser provável que os homens tentem controlar essa renda no futuro. Segundo Rosário, presidente do MIQCB, a doação do DGM oferece muitos benefícios tangíveis, como transporte para reuniões, suporte de treinamento, compra de máquinas, novos conhecimentos sobre práticas de economia de tempo e aumento dos lucros com a venda de produtos. Os treinamentos e máquinas permitiram que as mulheres produzissem seus produtos com mais rapidez e facilidade, para poderem vender para uma base maior de clientes e aumentar a produção. Elas **adicionaram rótulos nutricionais e datas de validade aos seus produtos e os embalaram de maneira a preservar a qualidade, o que gera valorização no preço.** Elas precisavam de ambos os treinamentos para aprender a embalar e rotular produtos, bem como o equipamento para

poder fazê-lo em suas próprias instalações. O maior controle de cada etapa da cadeia de suprimentos de babaçu as tornou menos dependentes de intermediários, que as pagavam muito pouco pela noz de babaçu. As Quebradeiras controlam o gerenciamento de subsídios do DGM e a distribuição da receita recebida das atividades do subprojeto.

Segundo Francisca, os lucros são distribuídos igualmente entre as mulheres envolvidas na produção por meio de contabilidade descentralizada, realizada pelos grupos regionais.

Luzanira, presidente da Asumbip, organização associada ao MIQCB, lidera um subprojeto do DGM em Tocantins para processar e comercializar farinha de babaçu. Sua comunidade precisa reformar um edifício para processar a farinha de forma higiênica e eficiente. Elas, já começaram os treinamentos pagos com os fundos do DGM que se concentram em melhores práticas para a produção de farinha. O DGM também está financiando equipamentos que economizarão tempo e energia da comunidade e permitirão que aumentem a produção de farinha para 150 kg por dia, acima dos atuais 100 kg por dia.

Central Veredas

Com os fundos do DGM, Maria N e Wanderlúcia esperam receber mais treinamentos em marketing e vendas que as ajudem a expandir suas vendas on-line, o que consideram uma rota mais bem-sucedida do que as vendas na loja física. Elas planejam identificar outros métodos para alcançar os clientes, por exemplo, de mídias sociais e eventos de vendas e ainda estão no processo de planejar treinamentos futuros.

As mulheres da Central Veredas estão preocupadas com o fato de não terem capital inicial para atender pedidos futuros e, ocasionalmente, usam suas próprias economias para finalizar um pedido. **As mulheres preveem os fundos do DGM**

ajudando com essa incompatibilidade de fluxo de caixa no futuro, fornecendo mais capital inicial.

Quilombo Pedra Preta

Estão previstos vários treinamentos para as mulheres de Quilombo Pedra Preta. No entanto, já estão em andamento treinamentos para as líderes do subprojeto da comunidade. A coordenadora do subprojeto do DGM é Marília, 21 anos, que participou de um treinamento de comunicação para outros coordenadores de subprojeto do DGM, organizado pela NEA.

É a primeira vez que as mulheres conseguem contribuir com a renda de suas famílias, e a maioria delas expressou esperança de que eventualmente toda a comunidade possa estar envolvida.

“Um passo importante [na visão da comunidade] é obter as habilidades e os equipamentos para adicionar um selo [que identifique a comunidade como um quilombo], além de um rótulo com tabela nutricional e data de validade”

—Rosalina, do Quilombo Pedra Preta

Rosalina (centro). Foto: Paula Lanza



TEMA 3. Papel dos Homens e Mudança nas Normas de Gênero

As respostas das mulheres de cada subprojeto neste estudo de caso mostraram que o papel que os homens estão desempenhando difere um pouco entre os subprojetos, mas que os homens geralmente apoiam o envolvimento de suas esposas nos subprojetos do DGM e têm um papel mínimo na tomada de decisão e controle de fundos do subprojeto. A contribuição dos homens para as atividades do subprojeto e sua contribuição para a família mudou desde o início do financiamento do DGM.

Todas as três mulheres do NSC disseram que existem muitos exemplos de subprojetos liderados por homens, mas a maioria das participantes do DGM são mulheres. Nos subprojetos liderados por homens, são realizados treinamentos para as mulheres para ajudá-las a se envolverem mais. Mas as três declararam que as mulheres nesses subprojetos geralmente não têm problemas em expressar suas opiniões nas reuniões. Em todas as visitas ao local, elas anotam quantas mulheres estão presentes e participam nas reuniões.

Há uma enorme variação na forma como as mulheres participam e como os papéis de gênero são observados nas comunidades. Naquelas onde as mulheres estão menos envolvidas na tomada de decisões da comunidade em geral, alguns membros do NSC disseram que gostariam de se envolver

Os homens sempre sonharam com as ideias das mulheres, mas agora as mulheres podem realizar seus próprios sonhos

—Anália, do NSC

mais, mas não querem ir contra os maridos e, muitas vezes, não se sentem apoiadas pela comunidade.

Segundo Lucely, representante do Brasil no Comitê Gestor Global do DGM (GSC), os quilombos são tradicionalmente mais matriarcais e as mulheres estão acostumadas a assumir papéis de liderança. Na comunidade dela, os homens não querem se envolver mais, ficam felizes em deixar as mulheres tomarem as decisões. Anália disse que em muitas comunidades indígenas esse não é o caso, embora exista uma grande variação entre as comunidades indígenas. Por exemplo, há uma comunidade que não permite que as mulheres participem de reuniões, enquanto outras têm mulheres em posições de tomada de decisão.

Quebradeiras de Coco Babaçu

As entrevistadas dos subprojetos associados ao MIQCB declararam que os homens têm um papel mínimo na implementação do subprojeto e geralmente apoiam o envolvimento de suas esposas, com algumas exceções. Estar envolvido em um subprojeto como esse pela primeira vez pode ser, segundo Francisca, muito emotivo para as mulheres, porque significa que elas saem de casa com mais frequência, o que pode ser uma fonte de discórdia com os maridos. No entanto, delas mulheres tradicionalmente, as principais provedoras de suas famílias e, quase sempre a única fonte de renda confiável e estável, pois muitos homens são trabalhadores sazonais nas fazendas, segundo Helena do Piauí.

Central Veredas

Atualmente, existem apenas três homens envolvidos na Central Veredas, dois com buriti e um com tecelagem. “À medida que ganhamos mais dinheiro, os homens podem se interessar mais e querer tomar mais decisões, mas esse não

“**Eu não posso nem expressar o quanto isso ajudou**”

—Rosário, president do MIQCB

é o caso agora”, refletiu Wanderlúcia. De acordo com as duas mulheres, as responsabilidades domésticas ainda estão em primeiro lugar. “Mas a maioria dos maridos é solidária”, disse Maria N, “e eles são ainda mais solidários quando estamos

TEMA 4. Agência

Os entrevistados declararam sentir-se justificados pelo fato de o seu subprojeto ter sido escolhido, o que lhes deu motivação para implementar o subprojeto e buscar mais financiamento de outras fontes. No final de cada entrevista, as mulheres ecoavam umas às outras “Antes nos envergonhávamos do que fazíamos e agora sentimos orgulho”.

Todas as três mulheres do NSC observaram como o financiamento do DGM levou amplamente a um maior empoderamento das mulheres nas comunidades apoiadas. As mulheres podem pedir o que querem e sentir que o que fazem é valioso. “O foco do DGM é especialmente relevante para as mulheres, porque a coleta de frutas nativas, nozes e outros produtos florestais não madeireiros são tradicionalmente atividades femininas no Brasil e em outros países do DGM”, disse Maria T.

trazendo dinheiro para casa”. “Meu marido me ajuda a coletar o buriti para fazer minhas caixas”, disse Wanderlúcia.

Quilombo Pedra Preta

“No começo, os homens estavam com ciúmes e se sentiam excluídos, mas deram mais apoio quando puderam se envolver na construção da cozinha”, disse Geni. Três homens compareceram à entrevista em grupo no Quilombo Pedra Petra, e um deles, Miguel, disse: “As mulheres são mais responsáveis que os homens, elas se apegam a esse projeto e elevam toda a comunidade”.

Rosário



“Antes nos envergonhávamos do que fazíamos e agora sentimos orgulho”

—*Maria N, do Central Veredas*

Quebradeiras de Coco Babaçu

Quando questionada sobre como o DGM ajudou seus esforços, Rosário, presidente do MIQCB, respondeu: “Eu não posso nem expressar o quanto isso ajudou”.

Segundo Rosário, “agora sentimos que nossas vidas estão validadas. Nós temos visibilidade”. “Nossas mentes mudaram”, disse Lužanira, “estamos todas mais motivadas”. “Os fundos nos motivaram a continuar”, afirmou Francisca.

Central Veredas

“Costumávamos ter vergonha e agora estamos orgulhosas do que fazemos. Até nossos netos estão orgulhosos de nós agora”, diz Maria N.

Quilombo Pedra Preta

“Já nos sentimos empoderadas, mas teremos muito orgulho quando nossos produtos estiverem disponíveis no mundo”, disse Creusa. “As mulheres podem fazer o que quiserem”.

Da esquerda para a direita: Marília, Geni e Cassilia. Foto: Paula Lanza



TEMA 5. Apoio Necessário e Desafios Enfrentados

Quando perguntadas em entrevistas qual era sua visão para o futuro e que obstáculos enfrentavam para alcançá-la, muitas mulheres tinham ideias em mente, enquanto outras admitiram prontamente que não estão acostumadas a pensar em possibilidades futuras. Notavelmente, todas as quebradeiras já haviam pensado em uma resposta a essa pergunta e tinham em mente barreiras concretas que poderiam impedi-las de alcançar sua meta, enquanto as mulheres dos outros subprojetos tinham mais dificuldade em conceber metas e atividades futuras.

As entrevistadas dos três locais mencionaram o ganho de habilidades por meio de treinamentos ou intercâmbios como algo que gostariam de fazer mais no futuro. Os desafios e obstáculos mais comuns mencionados incluem falta de financiamento, perda de força e insegurança nos direitos à terra. Transporte para os centros comerciais e as habilidades necessárias para vender e comercializar produtos também são desafios comuns.

As mulheres que não são donas da terra onde coletam os produtos florestais não madeireiros para sua subsistência estão preocupadas em acessar esses produtos. Este é um desafio especialmente assustador para as quebradeiras. No futuro, Anália, do NSC, acha que seria necessário desenvolver um novo subprojeto com um foco específico em gênero para realmente mudar a mentalidade ligada às questões de gênero. Ela acha que o DGM precisaria ser mais amplo que as florestas para se concentrar efetivamente na melhoria da subsistência das mulheres, para incluir temas como educação e saúde. Ela também considera que a garantia dos direitos à terra é o maior desafio que as mulheres enfrentarão daqui para frente, pensamento ecoado por Maria. Lucely acredita que as trocas facilitadas pelo DGM foram inestimáveis para os membros do NSC e espera que continuem.

Já nos sentimos empoderadas,
mas teremos muito orgulho
quando nossos produtos
estiverem disponíveis no mundo

—Creusa, from Quilombo Pedra Preta



Maria N tecendo na loja Central Veredas

Entendemos que a recompensa não será imediata, mas tentaremos trabalhar duro para vender nossos doces

—Dermita, do Quilombo Pedra Preta

Quebradeiras de Coco Babaçu

A terra onde as palmeiras de babaçu crescem geralmente é de propriedade de agricultores em larga escala que cultivam eucalipto ou criam gado, atividades que se expandiram na região nos últimos anos (Action Aid, 2017). Rosário disse que as quebradeiras estão tentando aumentar o acesso à árvore de babaçu, criando leis que permitem que as mulheres acessem as árvores em propriedades particulares, onde a maioria das árvores cresce. Para obter acesso, as leis devem ser aprovadas a nível municipal. “A lei foi votada no meu município e aprovada, mas os agricultores queriam derrubá-la, para que não fosse assinada”, disse Rosário.

Lužanira tem a visão de que sua fábrica de processamento de farinha tenha um pequeno escritório e uma loja, o que permitiria que as mulheres se reunissem e vendessem sua farinha. Helena está liderando um subprojeto do DGM no Piauí para promover treinamentos em sua comunidade sobre gestão financeira e boas técnicas de produção, mas gostaria de expandir. Francisca nunca recebeu treinamento formal e tudo o que aprendeu foi ensinado por outras mulheres. Ela acha que mais treinamentos de liderança poderia ajudar a fortalecer a implementação do subprojeto.

Central Veredas

Maria N e Wanderlúcia querem melhorar a coordenação interna da Central Veredas. Para isso, planejam financiar

reuniões mais periódicas para fortalecer foco e coordenação internos. No futuro, as mulheres esperam poder treinar adolescentes e crianças nas práticas tradicionais de tecelagem para garantir que a tradição seja transmitida. Maria N espera que mais mulheres se envolvam no futuro e que os fundos do DGM ajudem a fornecer motivação e impulso.

Quilombo Pedra Preta

O Quilombo Pedra Preta planeja construir uma cozinha com a doação do DGM para fazer doces e sucos das frutas nativas do Cerrado que crescem em suas terras tradicionais. As mulheres esperam treinamentos sobre como preservar e embalar seus produtos para venda comercial. Elas planejam vender seus produtos nas cidades vizinhas, a até 60 quilômetros de distância. Acreditam que a certificação de seus produtos como comércio justo e Quilombo ajudaria a expandir a base de clientes. O maior desafio, de acordo com os membros da comunidade, será manter o ritmo

Conclusões

Como observado em discussões com mulheres liderando e participando de subprojetos do DGM, há muitas mudanças positivas em andamento na vida dessas mulheres. **O DGM está fornecendo o apoio solicitado por elas próprias: capacitação em gerenciamento de projetos, treinamentos para a construção de habilidades específicas relacionadas aos meios de subsistência das mulheres, reuniões mais frequentes, coordenação entre as mulheres quando elas não conseguem se encontrar, e equipamento. Muitas mulheres afirmaram que antes não pediam esse apoio, mas agora se sentem mais justificadas a pedir o que precisam.** Nas comunidades em que as mulheres são menos apoiadas, a estrutura do DGM pode ajudá-las a se sentirem apoiadas em conceber atividades do subprojeto, expressar suas opiniões

e solicitar apoio. Por exemplo, a NEA desempenhou um papel importante ao ajudar as mulheres do Quilombo Pedra Preta a perceber que queriam vender mais tipos de produtos do que pensavam inicialmente e que precisavam de o apoio na comercialização desses produtos. Conforme mencionado pelas mulheres membros do NSC, o apoio é fornecido para as mulheres em todos os subprojetos por meio de treinamentos específicos para as mulheres.

Os benefícios não monetários do DGM recebidos por todos os subprojetos foram especialmente notáveis. As mulheres entrevistadas receberam treinamentos, suporte para equipamentos e instalações e adquiriram habilidades úteis que pouparam tempo e aumentaram a comercialização de seus produtos. Todas as mulheres entrevistadas expressaram a opinião de que o DGM deve continuar a financiar essas atividades.

Uma frase ouvida inúmeras vezes em cada local era “costumávamos ter vergonha e agora estamos orgulhosas”. Se essa mudança foi iniciada ou reforçada pelo DGM, é negavelmente crucial na mentalidade dessas mulheres. As mulheres em cada uma das comunidades visitadas tiveram seu próprio conjunto único de circunstâncias e desafios, mas todas expressaram o sentimento semelhante de que **o reconhecimento que receberam as tornaram mais orgulhosas do que fazem.**

Oportunidades e Trabalho Futuro

Embora existam muitos obstáculos potenciais para essas mulheres na implementação de seus subprojetos, o otimismo era contagioso. As Quebradeiras de Coco Babaçu podem ser um modelo para outras comunidades por sua resistência, coordenação e crescente sucesso comercial — especialmente



Dermita (direita). Foto: Paula Lanza

à luz de alguns dos obstáculos mais difíceis que qualquer comunidade do DGM enfrenta, em relação ao acesso às árvores de babaçu. A disposição em continuar lutando nos últimos 30 anos resultou apenas recentemente em crescente atenção internacional, o que contribuiu para o aumento de seus lucros e visibilidade. Este poderia ser um exemplo positivo para outros subprojetos que admitiram que a falta de motivação poderia ser um obstáculo ao seu próprio sucesso no futuro.

Para trabalhos futuros, seria importante seguir esses subprojetos até a conclusão e observar como os benefícios recebidos pelas mulheres participantes mudam ao longo do tempo. O acompanhamento das mulheres em seus objetivos e desafios também seria crucial para entender se seus objetivos mudam e se os desafios que elas anteciparam foram

realmente aqueles que enfrentam no início do subprojeto. Outro aspecto interessante seria ver se, e como, os lucros crescem ao longo do tempo e, se contrário ao que todas as mulheres entrevistadas previram, os homens de fato exigirão mais controle sobre esses lucros.

Compreender mais sobre como as mulheres estão se beneficiando dos inúmeros outros subprojetos do DGM no Brasil que não são lideradas por mulheres pode ser um próximo passo natural. Sem dúvida, as mulheres desempenham um papel muito importante em muitos desses subprojetos, mesmo que não o estejam liderando. Examinar alguns dos fatores e condições que levaram a diferentes mentalidades de gênero entre mulheres e homens nessas comunidades seria um trabalho futuro importante.

Anexos

Anexo A. Lista de Entrevistas

* Itálico indica entrevistados que não são beneficiários de subprojetos

Local 1. São Domingos do Araguaia, Pará	Local 2. Quilombo Pedra Preta, Minas Gerais	Local 3. Central Veredas, Arinos, Minas Gerai	Membros do NSC	Membros da NEA
Flavia A	Luiziana S	Maria N	Maria T	Álvaro Carrara
Rosário C	Rosalina B	Wanderlúcia M	Anália T	Paula Langa
Francisca N	Lidiane M	Monique B	Lucely M	Welerson Amaro
Helena G	Elenice M	Dionete A		Mayk Arruda
Luizanira L	Miguel M			
Maria T	Creuza M			
	Kelly C			
	Renata F			
	Creunice M			
	Rosania A			
	Dejaneide N			
	Eva B			
	Cristiana R			
	Dermita C			
	Claudiomar L			
	Celso R			
	João Z			
	Jucilene R			
	Cassilia R			
	Marilia R			
	Geni P			

Anexo B. Metodologia das Entrevistas

Formato:

1. Entrevistas individuais minuciosas (auto-selecionadas)
2. Grupos Focais (auto-selecionados)
3. Observações de Campo

Perguntas Pré-entrevista:

1. Você se importa em ser gravado?
2. Poderia dizer seu nome e função?

Breve descrição e uso do trabalho:

Estou trabalhando em um estudo para ajudar o Banco Mundial a entender como o DGM impactou / afetou as mulheres nas áreas do projeto. Esses impactos incluem tanto mudanças tangíveis, como mais renda, comida ou menos tempo, quanto impactos intangíveis, como um senso mais forte de comunidade ou liderança, ou uma ligeira mudança na dinâmica da comunidade entre homens e mulheres, ou entre mulheres. Este estudo ajudará o Banco Mundial a abordar questões relevantes para a vida das mulheres em projetos futuros.

Perguntas para todos:

1. Você pode descrever o papel das mulheres no DGM até este ponto?
2. Você vê barreiras ou obstáculos à participação das mulheres no DGM? E, especificamente, nas principais microempresas do DGM?
3. A atenção às questões de gênero mudou durante o processo de concepção e implementação do DGM?
4. Existem exemplos de liderança feminina no DGM?
5. Foi feita uma avaliação de integração de gênero antes da formulação dos critérios de seleção de microcrédito

do NSC? Essa avaliação influenciou a direção da intervenção?

6. A participação das mulheres no DGM afeta sua carga de trabalho geral?
7. Existem atividades do projeto que se tornaram autossustentáveis?
8. Existem certas atividades ou projetos que as comunidades estão priorizando no futuro?
9. Em que janela está esse projeto? Gerenciamento de recursos naturais, resposta imediata a ameaças, subprojeto produtivo orientado para o mercado?
10. Qual é o custo do projeto? Quanto foi desembolsado?

Perguntas para a NEA:

1. Como os indicadores são medidos?
2. Que tipo de informação é coletada dos projetos?
3. Existem histórias de sucesso para projetos? E de projetos liderados por mulheres, especialmente?
4. Como o DGM permitiu que as comunidades fossem inovadoras de maneiras que não poderiam ser? E se não, por que não?
5. Qual é o componente de qualificação do projeto? Que tipos de atividades estão envolvidas nisso?
6. Os 6 projetos elaborados com e para mulheres fazem parte dos 12 liderados por mulheres?
7. Quantos projetos totais existem na segunda chamada de propostas?
8. Os benefícios dos subprojetos começaram a ser rastreados? Se sim, como e se há alguma descoberta inicial?

9. Existem programas de treinamento e capacitação para mulheres em particular? E se não, você acompanhou a participação e o envolvimento das mulheres nessas atividades até agora?
10. OPAD mencionou as metodologias de avaliação dos beneficiários e uma análise sensível ao gênero — elas já foram produzidas ou utilizadas?
11. Por que as questões de disputa de terras não podem ser financiadas pelo DGM?

Perguntas para o NSC:

1. Como os critérios foram selecionados para a seleção do projeto?
2. Como os membros do NSC foram escolhidos?
3. Havia uma cota de gênero no NSC?
4. Você acha que a composição de gênero do NSC afetou a direção do DGM?
5. Os membros do NSC serão rotativos no futuro?
6. Que ações foram tomadas para garantir a participação das mulheres nos projetos quando elas não estavam encarregadas da implementação do projeto? Como a NEA e a NSC contribuíram para essas ações?
7. Quais são alguns obstáculos ao aumento da liderança das mulheres nos subprojetos do DGM?
8. Existem histórias de sucesso para projetos? E de projetos liderados por mulheres, especialmente?

Para as mulheres beneficiárias:

* A linha de base pode ser considerada há 3 anos — alguma nova renda / alteração / benefício nos últimos 3 anos?

1. Quais atividades estão sendo apoiadas pelo DGM em sua comunidade?
2. Quem fornece o trabalho para essas atividades?
3. Você recebeu alguma ajuda de fora da comunidade?
4. Há mudanças em suas vidas que foram apoiadas pelo DGM?
5. Houve alguma restrição em suas atividades diárias no passado que esta concessão tenha aliviado?
6. Existe uma nova renda para as mulheres e essa renda controlada por mulheres é também apoiada pelo DGM?
7. Em caso afirmativo, qual a importância dessa nova fonte de renda para você? (menor, maior)
8. Quais são os benefícios não monetários para as mulheres das (novas) atividades financiadas por esta doação?
9. Quais atividades levaram a esses benefícios?
10. Que esforço em horas ou economia, se houver, as mulheres estão enfrentando como resultado das novas atividades apoiadas pelo DGM?
11. Existe algo que você gostaria de fazer no futuro que não esteja fazendo atualmente com o qual essa concessão pode ajudá-la?
12. Existe algo que a impede de se envolver com este projeto do jeito que você quer que seja?
13. Você acha que esses benefícios continuarão após o término do projeto? Por que ou por que não?
14. Se você fosse capaz, qual coisa você mudaria que faria a maior diferença para sua comunidade?

Anexo C. Projeto e Informações de Gênero

A SER ADICIONADO

Tipo de Comunidade	Número de Projetos	Valor Total		
		Financiamento	Fase 1	Fase 2
Quilombo	2	\$66,092	1	1
Indígenas	3	\$112,890	2	1
Comunidade Tradicional	8	\$231,727	5	3

Referências

- Action Aid. (2017). "Impacts of Agribusiness Expansion in the Matopiba Region: Communities and the Environment". Rio de Janeiro, Brazil.
- Agarwal, B. (2001). "Participatory Exclusions, Community Forestry, and Gender: An Analysis for South Asia and a Conceptual Framework". Institute of Economic Growth. Delhi, India.
- Agarwal, B. (2009). "Gender and forest conservation: The impact of women's participation in community forest governance". *Ecological Economics*, 68(11), 2785-2799.
- Bailao et al. (2015). "Bioactive Compounds Found in Brazilian Cerrado Fruits". <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4632725/>
- Bee, B.A.; Sijapati Basnett, B. (2016). "Engendering social and environmental safeguards in REDD+: lessons from feminist and development research". CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Bhalla, P. (2016). "Gender Dynamics in Odisha's Forest Rights Act".
- Brazil. (1988). The Constitution of Brazil. <http://pdba.georgetown.edu/Constitutions/Brazil/brtitle2.html>
- CEA Consulting. (2016). "Challenges and Opportunities for Conservation, Agricultural Production, and Social Inclusion in the Cerrado Biome". <http://www.climateandlandusealliance.org/wp-content/uploads/2016/09/Cerrado-Traditional-communities-biodiversity-water-and-climate.pdf>
- Climate Investment Funds. (2016). "CIF Gender Action Plan – Phase 2". Washington, DC. https://www.climateinvestmentfunds.org/sites/cif_enc/files/ctf_scf_decision_by_mail_cif_gender_action_plan_phase_2_final_revised.pdf
- Colfer, C.J.P., Elias, M., Sijapati Basnett, B., Hummel, S.S. (2017). "The Earthscan Reader on Gender and Forests". CIFOR, Bogor, Indonesia.
- Colfer, C.J.P., Sijapati Basnett, B., & Elias, M. (2016). "Gender and Forests: Climate Change, Tenure, Value Chains and Emerging Issues". Bogor: CIFOR.
- Damasceno R, Chiavari J, Leme Lopes C. (2017). "Evolution of Land Rights in Rural Brazil". Rio de Janeiro, Brazil. Omidyar Network and Climate Policy Initiative. https://climatepolicyinitiative.org/wpcontent/uploads/2017/06/Evolution_of_Land_Rights_In_Rural_Brazil_CPI_FinalEN.pdf
- DGM Brazil. (2017). "Second call for proposals". <https://dgmbrazil.org.br/en/call-for-proposals>
- Douthwaite et al. (2019). "A Learning Review of the Dedicated Grant Mechanism (DGM) for Indigenous Peoples and Local Communities in the Forest Investment Program (FIP) of the Climate Investment Funds (CIF)". Itad, East Sussex, UK.
- Elias, M. (2016). Gendered Knowledge Sharing and Management of Shea (*Vitellaria Paradoxa*) In Central-West Burkina Faso. In Colfer, C.J.P., Sijapati Basnett, B., & Elias, M. (eds.) *Gender and Forests: Climate Change, Tenure, Value Chains and Emerging Issues*.
- Flynn, Hannah. (2018). "Baru nut: The next superfood?" <https://www.organicwellnessnews.com/?ArticleID=805>
- Forest Investment Program. (2013). "The Dedicated Grant Mechanism for Indigenous Peoples and Local Communities (DGM)". Forest Investment Program, Washington, DC.
- The Guardian. (2015). "Future of Brazil's babassu fruit breakers threatened by deforestation." <https://www.theguardian.com/environment/2015/aug/18/future-brazils-babassu-fruit-breakers-threatened-deforestation>
- Guedes et al. (2017). "Pequi: a Brazilian Fruit with potential uses for the fat industry" https://www.ocl-journal.org/articles/occl_full_html/2017/05/occl170040s/occl170040s.html
- If not us then who. (2013). "Brazil's Warrior Women". <https://ifnotusthenwho.me/films/womens-movement-access-babassu-oil/>
- IUCN. (2017). "Brazil paves the way for gender equity in forest and biodiversity conservation." <https://www.iucn.org/news/forests/201703/brazil-paves-way-gender-equity-forest-and-biodiversity-conservation>
- Landlinks. (2011). Brazil. <https://land-links.org/country-profile/brazil/>

- Larson, A., Solis, D., Duchelle, A.E., Atmadja, S., Resosudarmo, I.A.P., Dokken, T., Komalasari, M. (2018). "Gender lessons for climate initiatives: A comparative study of REDD+ impacts on subjective wellbeing". *World Development*, 108(2018), 86-102.
- Larson, A., Dokken, T., Duchelle, A.E., Atmadja, A., Resosudarmo, I.A.P., Cronkleton, P., Cromberg, M., Sunderlin, W., Awono, A., & Selaya, G. (2016). "Gender Gaps in REDD+: Women's Participation is Not Enough". In Colfer, C.J.P., Sijapati Basnett, B., & Elias, M. (eds.) *Gender and Forests: Climate Change, Tenure, Value Chains and Emerging Issues*
- Little, Paul E. (2018). "A Case Study of the Brazil Forest Investment Program". *Climate Investment Funds and World Bank*. Washington, DC.
- Marin and Kuriakose. (2017). "Gender and Sustainable Forest Management: Entry Points for Design and Implementation". *Climate Investment Funds and World Bank*. Washington, DC.
- Mendes, Karla. (2018). "Slaves' descendants in Brazil braced for land titles' fight". <https://www.reuters.com/article/us-brazil-landrights-slaves/slaves-descendants-in-brazil-braced-for-land-titles-fight-idUSHCN1GI204>
- Shackleton, S., Paumgarten, F., Kassa, H., Husselman, M., & Zida, M. (2011). "Opportunities for Enhancing Poor Women's Socioeconomic Empowerment in the Value Chains of Three African Non-Timber Forest Products (NTFPs)". *International Forestry Review*, 13(2), 136-151. Available at http://www.cifor.org/publications/pdf_files/articles/AShackleton1101.pdf
- Shanley, J.B., Mcdowell, W.H., Stallard, R.F. (2011). "Long-term patterns and short-term dynamics of stream solutes and suspended sediment in a rapidly weathering tropical watershed". *Water Resource Research*, 47.
- Tiani, A.M., Bele, M.K., Kankeu, R.S., Chia, E.L., Teran, A.S.P. (2016). "Gender and Forest Decentralization in Cameroon: What challenges for adaptive capacity to climate change?".
- UN-REDD. (2011). "The business case for mainstreaming gender in REDD+". http://www.undp.org/content/dam/undp/library/gender/Gender%20and%20Environment/Low_Res_Bus_Case_Mainstreaming%20Gender_REDD+.pdf
- World Bank. (2018a). "Women, Business and the Law". Washington, DC. <http://documents.worldbank.org/curated/en/926401524803880673/pdf/125804-PUB-REPLACEMENT-PUBLIC.pdf>
- World Bank. (2018b). "Brazil DGM Implementation Status and Results Report". Washington, DC.
- World Bank. (2017). "What does it mean to be a woman in Brazil? The answer will surprise you." Washington, DC. <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2017/03/08/ser-mujer-brasil>
- World Bank. (2016). "A Snapshot of Gender in Brazil Today: Institutions, Outcomes, and a Closer Look at Racial and Geographic Differences". Washington, DC. <https://openknowledge.worldbank.org/bitstream/handle/10986/25976/112319-WP-GenderDiagnosticfinal-PUBLIC-ABSTRACT-SENT.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- World Bank. (2015). "Brazil — Dedicated Grant Mechanism for Indigenous Peoples Project". Washington, DC: World Bank Group. <https://hubs.worldbank.org/docs/ImageBank/Pages/DocProfile.aspx?nodeid=23989461>
- Wunder, S., Angelsen, A., Belcher, B. (2014). "Forests, Livelihoods, and Conservation: Broadening the Empirical Base". *World Development*.

